



CORPO DE DELITO

O burocrata a ordenhar uma harpa craniana

O burocrata voa baixinho, quando voa, preferindo, em todo o caso, deslocar-se aos saltinhos ou no lombo de mamíferos de maior porte



Rui Patrício

O dia em que ele viu uma reprodução do quadro de Salvador Dalí (em que um burocrata com deformação craniana ordenha uma harpa em forma de caveira) foi um dos mais felizes da sua vida. O burocrata sentiu-se bem retratado – inclusive na deformação do crânio. Gostou de se ver e achou-se importante. Foi um dia feliz. E só não foi o mais feliz porque, antes, o burocrata já experimentara intensa felicidade, primeiro no dia em que foi decretada a morte da ideologia, e depois quando faleceram a criatividade, a sageza, o esforço e a inovação. Morreram todos com poucas semanas de intervalo, e esses foram os dias mais felizes da sua vida. Reis mortos, rei posto, e assim o burocrata pôde reinar mais e melhor. Mas disfarçou e não deixou transparecer o seu entusiasmo, nos funerais apareceu compungido e exerceu o seu reinado com discrição e aparente frugalidade. Nalguns dos funerais até leu umas palavras e persignou-se ao ver nos jornais os obituários.

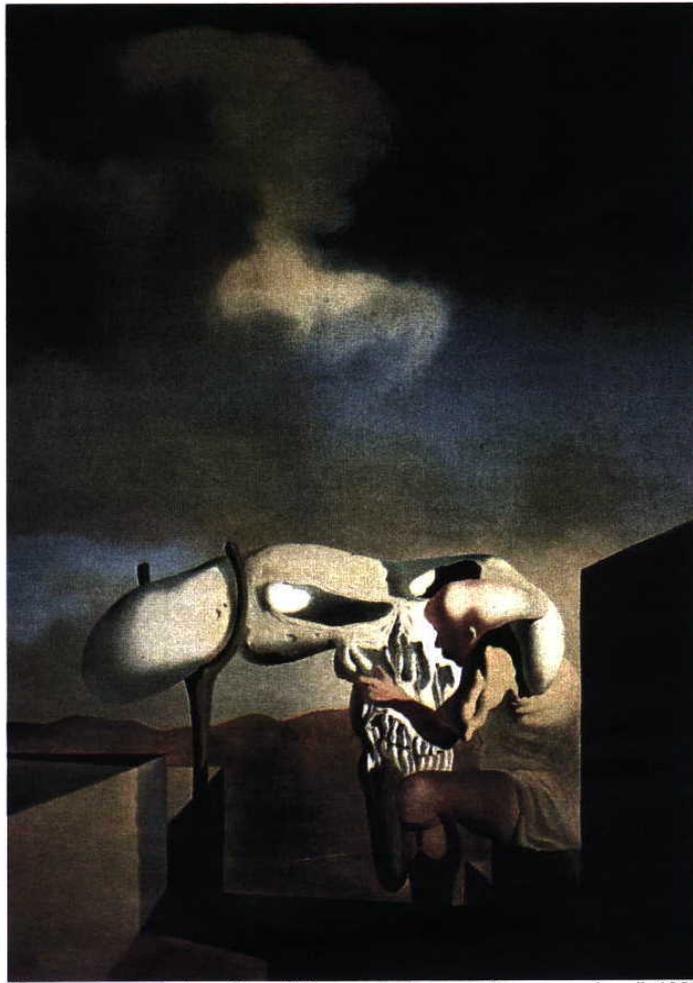
O burocrata gosta de discrição, de rotinas, de rituais, de calendários e de prazos. O burocrata gosta muito de coisas escritas, e ainda mais de coisas transcritas. O pensamento faz-lhe sentido se posto em letra de forma, de preferência com linhas e margens pré-definidas, e com selo, de lacre ou digital tanto faz, desde que a coisa tenha o selo da sua autoridadezinha burocrática. O burocrata voa baixinho, quando voa, preferindo, em todo o caso, deslocar-se aos saltinhos ou no lombo de mamíferos de maior porte. O burocrata ordenha sempre à mesma hora, gosta de horários, não espreme de mais (também não teria forças), nem espreme de menos (também não teria coragem). É certinho; não ri, sorri; não chora, faz ar sério; não fala, alinha palavras; e, em todo o caso, gosta mais de comunicar por

escrito, de pensar e escrever entre quatro paredes, gosta pouco do olhar dos outros, da voz dos outros, da coragem dos outros. O burocrata é bicho de gabinete, de peito coberto, de gestos brandos, de olhar (quando olha, que é pouco) falsamente manso. O burocrata morde (mas sem abocanhar, só com a ponta dos dentes) à calada. Veste de escuro. Penteia o cabelo (se o tem) de modo falsamente modesto. O burocrata não copula com prazer, nem com amor. Apenas procria, mas procria muito, e reproduz-se. O burocrata pensa (quando pensa) de viés e mata (às vezes mata) de través.

Por isto, e por tudo o mais, apresen-

tou as condolências, mas mal disfarçando o sorriso de hiena. Fingido que é, quase se juntou às carpideiras de plantão. Ouviu com prazer os cânticos e as litanias. Mandou rosas, muito brancas, para exprimir a paz que tais mortes lhe trouxeram. E ficou a aguardar que morresse a última inimiga do burocrata: a justiça, coitada. Também não precisava de esperar muito, que já lhe pesavam as malditas, as faces mirravam e amareleciam, os ossos rangiam. Em breve, o burocrata ver-se-ia reinando senhor absoluto, encomendar-lhe-ia uma missa e diria, entre dentes e com um esgar escarninho, paz à sua alma.

Advogado. Escreve ao sábado



“Burocrata semi atmosferocéfalo a ordenhar uma harpa craniana”, 1933